

O Brasil organizado funciona

Numa lição de eficiência e cidadania, 5 000 organizações não governamentais mostram como fazer o país dar certo

ERNESTO BERNARDES E KAIKE NANNE

Se o presidente Itamar Franco tivesse um ministério chamado ONG, este seria de longe o mais ativo do seu governo. Na semana passada, seus representantes poderiam ser encontrados, por exemplo, nas florestas de Mato Grosso, ensinando os índios a identificar na selva os limites de suas reservas com a ajuda de satélites. Na Baixada Fluminense, cuidando de meninos de rua. No agreste pernambucano, dando aulas de anatomia para parteiras e gestantes pobres. No Pelourinho, negociando a participação dos negros da Bahia no próximo filme do cineasta americano Spike Lee. Também estariam no prédio da Fiesp, em São Paulo, ajudando a melhorar a qualidade dos produtos da indústria.

Seria impossível existir um ministério como esse porque ONG, sigla de Organização Não Governamental, é um tipo de entidade que quer distância do governo. Espalhadas por todo o país, essas entidades se multiplicam no Brasil da crise, dedicando-se principalmente às causas ecológicas e humanitárias. Pelo último levantamento, feito há dois meses, há mais de 5 000 ONGs no país, o dobro de dois anos atrás. Juntas, elas administram aproximadamente 700 milhões de dólares por ano, valor maior que o produto interno bruto de quatro Estados — Acre, Roraima, Amapá e Tocantins.

Há milhares de exemplos bem-sucedidos em todo o país:

■ Wagner dos Santos, a testemunha-chave da chacina da Candelária, em que sete meninos de rua foram assassinados pela

polícia, continua vivo porque está sob proteção de duas dessas entidades, no interior da Bahia. Santos acredita que já teria sido liquidado se não tivesse essa proteção paralegal.

■ O governo gasta 550 dólares por mês, em média, para sustentar cada criança nas entidades oficiais que abrigam menores abandonados, como a Febem. Em Salvador, o projeto Axé, criado pelo advogado e pedagogo italiano Cesare de La Rocca, 55 anos, gasta no máximo 50 dólares mensais para alimentar e educar cada uma das 2 747 crianças que salvou das ruas nos últimos anos.

■ Em Santarém, no Pará, a Fundação Saúde e Alegria está conseguindo acabar com a cólera e outras doenças causadas por água contaminada, como a esquistossomose.

■ Enquanto o ensino público cai aos pedaços, a Federação de Organização de Assistência Social e Educacional, Fase, do Rio de Janeiro, mantém núcleos de alfabetização e escolas rurais em quinze Estados, nos quais estudam milhares de pessoas.

O que elas fazem

As causas a que se dedicam as mais de 5 000 ONGs existentes no Brasil:

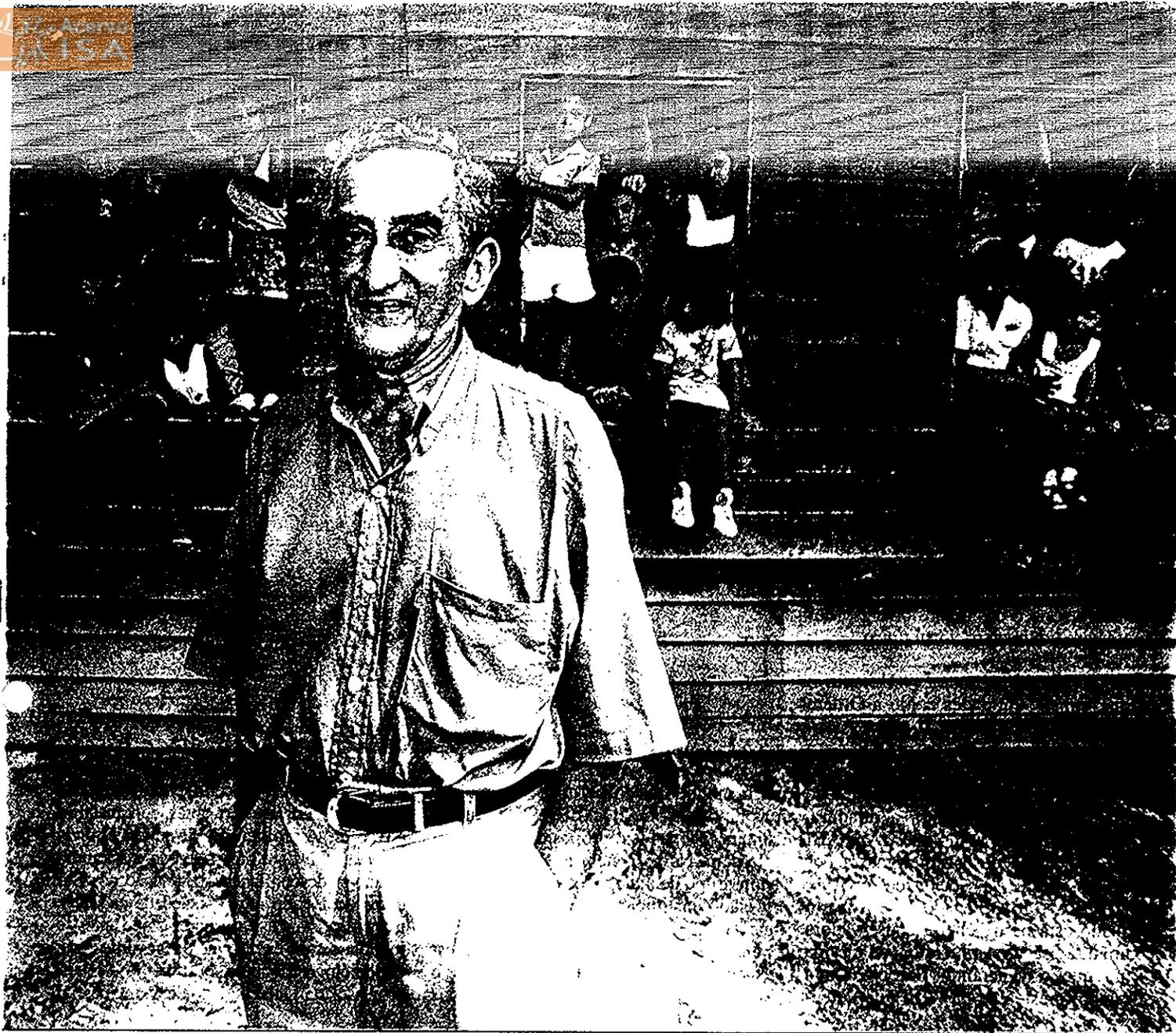
- 40%** ecologia
- 17%** movimentos populares
- 15%** direitos da mulher
- 11%** negros e preconceito racial
- 6%** crianças carentes
- 3%** prevenção e tratamento da Aids
- 1%** índios
- 7%** outras



SERGIO DUINI

CRISE DE UTOPIA — Entre as organizações não governamentais brasileiras há uma que as pessoas não conseguiriam identificar pelo nome — Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas, Ibase. O nome dessa ONG nada diz, mas seu criador é hoje mais popular do que os astros das novelas de televisão. Em alguns meses de pregação, o sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, empolgou o Brasil com sua campanha nacional contra a fome, comandada a partir do quartel-general do Ibase, no Rio de Janeiro. O que Betinho conseguiu de mais impressionante foi dramatizar um problema a que os brasileiros já não prestavam mais atenção, despertando os impulsos de solidariedade adormecidos em cada cidadão.

As ONGs trabalham muito com esse modelo. Na crise de utopia deste fim de século, quando as grandes correntes ideológicas perderam o poder de empolgar as pessoas, os impulsos de justiça, equidade,



O médico Camillo Vianna, que mantém escolas no Pará com dinheiro do próprio bolso (acima), e o milionário Roberto Klabin, da SOS Mata Atlântica, uma ONG de 1 milhão de dólares: soluções humanitárias e ecológicas

transformação e progresso foram canalizados para milhares de tarefas bem diferenciadas. Nada mais de pretender a salvação dos oprimidos de todo o mundo. Trata-se agora, como preferem as ONGs, de realizar conquistas pequenas mas capazes de mudar a vida da comunidade em que elas ocorrem. "É a segmentação da participação política", diz o cientista Bolívar Lamounier. No Rio, uma ONG chamada Centro Brasileiro de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente dá orientação sexual a menores de rua com o objetivo de prevenir doenças sexualmente transmissíveis. Em São Paulo, o Instituto da Mulher Negra apóia grupos musicais da linha rap. Em



Pernambuco, o Centro Luiz Freire educa trabalhadores rurais. São apenas alguns exemplos numa rede de organizações de tamanho e complexidade diversos que envolve o trabalho de 80 000 brasileiros.

“As ONGs ocupam o vácuo deixado pela crise das ideologias e pela falência do comunismo”, diz o deputado Carlos Minc (PT-RJ), que na década de 70 pegou em armas contra o regime militar e hoje se dedica à causa ecológica. Uma pesquisa feita há dois anos pelo Instituto Superior de Estudos Religiosos, Iser, do Rio de Janeiro, com representantes de 132 ONGs revelou que, na grande maioria, os voluntários que trabalham nessas entidades são antigos militantes de esquerda, como Betinho ou Carlos Minc. Um em cada seis desses voluntários esteve preso por atividade política durante o regime militar (veja quadro à pág. 74). Num aspecto as ONGs brasileiras são parecidas com as dos países desenvolvidos: fiscalizam o governo e complementam o serviço dos órgãos oficiais. Mas apresentam um traço nacional típico.

AMADURECIMENTO SOCIAL — Durante o regime militar, entidades como a Ordem dos Advogados do Brasil, OAB, a Associação Brasileira de Imprensa, ABI, e a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, SBPC, refletiam as correntes de opinião que lutavam contra a ditadura. Costumava-se dizer então que OAB, ABI e SBPC, ao lado de outras organizações parecidas, eram “a sociedade civil”. Hoje, a OAB do advogado José Roberto Batochio está na trincheira conservadora contra a revisão constitucional, da mesma forma que o venerando Barbosa Lima Sobrinho, presidente da ABI, que defen-



de o monopólio do petróleo. Na melhor das hipóteses, OAB, ABI e SBPC representam apenas os profissionais que as integram. Na pior, nem isso. Pergunte-se a um grupo de advogados o que acham da revisão constitucional. É provável que a maioria fique contra a posição da OAB.

Durante décadas imperou no Brasil, especialmente na esquerda, a idéia de que o Estado era uma entidade poderosa, capaz

de tudo. Por esse conceito, para resolver os problemas era preciso antes conquistar o governo. “A proliferação de entidades civis como as ONGs é prova de que existe uma saudável desconfiança em relação aos poderes do Estado numa sociedade cada vez mais disposta a assumir tarefas que antes se julgava serem exclusivas do governo”, diz o sociólogo Leôncio Martins Rodrigues, professor da Universidade de Campinas.

Os padrinhos famosos



Uma doação de 18 000 dólares da primeira-dama francesa, Danielle Mitterrand, (à esq.), em 1992, tornou o Centro de Apoio a Populações Marginalizadas, do Rio de Janeiro, uma ONG conhecida na Europa



O primeiro-ministro britânico, John Major, deu sua contribuição ao Projeto Axé, da Bahia, ao receber para jantar em Downing Street, 10, seu endereço em Londres, dois meninos de rua de Salvador



Ligada à ONG Amigos da Terra a marquesa de Worcester, Tracy Ward, promove na Inglaterra doações para os índios brasileiros



Pesquisador do WWF ensina índios da Amazônia a se localizar na floresta com a ajuda de satélites

ma idéia que se julgue meritória. É esse o principal significado do crescimento dessa rede de ONGs que se espalha por todo o Brasil. "Esse é um produto genuíno da democracia", diz o cientista político Francisco Weffort. "Comprova um amadurecimento da sociedade brasileira."

ACIDENTE DOMÉSTICO — As ONGs têm nos antigos militantes da esquerda a parte mais numerosa de suas lideranças brasileiras, mas há muita gente que resolveu alistar-se sem nenhum passado vermelho na carteira. A advogada carioca Cristina Leonardo, 35 anos, interessou-se a partir de um acidente doméstico. Casada com um engenheiro, até quatro anos atrás Cristina era funcionária de um banco e mulher comum de classe média. A mudança aconteceu no dia em que o síndico de seu prédio denunciou à polícia que o filho de Cristina havia roubado com outras crianças uma pizza entregue na portaria. O menino, de 11 anos, foi conduzido a uma delegacia de polícia, onde a mãe teve de ir buscá-lo. "Quando cheguei lá, levei um susto", ela conta. "Havia dezenas de crianças presas por pequenos delitos e continuavam na cadeia sem ninguém para tirá-las de lá." Cristina decidiu então ajudar as crianças e continua fazendo isso até hoje. Já trabalhou em três ONGs e coordena uma entidade que dá apoio a mais de 700 menores de rua. Dedica tempo integral a isso. "Hoje sou outra pessoa", diz. "Descobri que é possível mudar as coisas quando se bota a mão na massa."

Outra adesão curiosa foi a de um médico e professor paraense, Camillo Vianna, pró-reitor da Universidade Federal do Pará. Aos 67 anos, Vianna coordena a Sociedade de Preservação dos Recursos Naturais e Culturais da Amazônia, Sopren, cuja lista de realizações é tão extensa como o nome da entidade. Em Abaetetuba, a 50 quilômetros de Belém, essa ONG ensina crianças a ler e escrever. Dá cursos profissionalizantes de corte e costura a grupos de mulheres. Ensina caboclos a plantar espécies que substituem o mogno na movelaria e a cultivar outras árvores de rápido crescimento para produção de carvão. Mantém ainda um banco botânico com mais de 100 000 mudas para reflorestamento e fruticultura. Vianna faz milagres com um orçamento anual de 2 000 dólares. Seus projetos já beneficiaram 200 famílias e converteram-se num sucesso tão notável que foram visitados por 49 técnicos estrangeiros. Entusiasta dos movimentos populares, o médico paga do próprio bolso o registro em cartório de pequenas ONGs. Já criou trinta até agora.

RESERVA FLORESTAL — O fenômeno da multiplicação das ONGs é mundial. Nos Estados Unidos existem 785 000 entidades, que movimentam anualmente 20 bilhões de dólares e envolvem entre 10% e 20% da população do país. Na Europa são 400 000 organizações, com orçamento anual estimado em 10 bilhões de dólares. Fáceis de criar, sujeitas a uma hierarquia pouco rígida, livres de qualquer controle burocrático, as ONGs têm uma série de vantagens sobre as instituições tradicionais. "As ONGs são um laboratório de idéias na sociedade", diz Jorge Eduardo Durão, presidente da Asso-

Não se sugere evidentemente que as coisas andariam melhor no Brasil se o Estado fosse afastado de suas funções básicas e substituído nessas tarefas por células não oficiais, como as ONGs. O que aqui se comemora é a expansão do conceito de cidadania. Cada vez mais as pessoas participam da solução de problemas coletivos, sejam eles na área do meio ambiente, da assistência social ou da promoção de algu-



Bianca Jagger, modelo nicaragüense mais conhecida como ex-mulher do roqueiro Mick Jagger, criou a ONG Amanaka, que financia índios da América do Sul. Na semana passada, depois de passar por Salvador, estava em Mato Grosso do Sul visitando aldeias guaranis



O grupo norueguês A-Ha apaixonou-se pela Amazônia depois de percorrer a região em 1989. Participa de uma campanha de arrecadação de fundos na Europa para o Instituto de Estudos Amazônicos (IEA), uma ONG criada em Curitiba pela antropóloga Mary Alegretti



FOTOS FERNANDO VIVAS

A inglesa Cindy Morelli cuidando dos filhotes de tartaruga em Salvador: programa de verão a 1 595 dólares

ciação Brasileira de Organizações Não-Governamentais. "Elas propõem alternativas de desenvolvimento que nem o governo nem as instituições tradicionais conseguem produzir."

Nesse mundo há personagens com histórias fascinantes. É o caso do empresário Roberto Klabin, comandante da SOS Mata Atlântica, a maior entidade ambientalista brasileira, com 3 000 associados, e presidente da Dexie-Lalekla, fabricante de papel e artigos de plástico, com faturamento de 41 milhões de dólares por ano. Quando tinha 15 anos, Klabin saiu para caçar com os primos na fazenda da família, no Pantanal Mato-grossense. Depois de muitas horas de caminhada, perto de uma lagoa, o guia ordenou que todos disparassem seus rifles. "Ali tem porco-do-mato", avisou. Os tiros só atingiram uma presa: uma fêmea que estava prenhe. "Depois disso, caçada nunca mais", diz Klabin, 35 anos.

A promessa foi levada a sério. A fazenda em que Klabin fez aquela caçada é hoje uma reserva florestal privada de 7 000 hectares. Nessa área, ele investiu 2 milhões de dólares na construção do Refúgio Ecológico Caiman, o mais bem aparelhado hotel do gênero no Brasil, onde turistas estran-

geiros, sua principal clientela, deslumbram-se com o desfile de lobos, quatis, veados, tatus, tamanduás, onças, jacarés e uma infinidade de espécies de pássaros. Klabin se devota às causas ecológicas em tempo integral. Costuma percorrer escritórios de amigos pedindo dinheiro para a SOS Mata Atlântica, quase sempre com sucesso. Conseguiu no ano passado 105 000 dólares para o projeto Empresário Conservacionista e 80 000 dólares para o Lagamar — o repovoamento de bancos de ostras em Cananéia, no litoral paulista. A empresa de sua família, Indústrias Klabin de Papel e Celulose, a maior do ramo no país, rateou

com o Bradesco e a Metal Leve as despesas com o inventário por satélite da devastação da Mata Atlântica, uma conta de 300 000 dólares.

TARTARUGAS — O crescimento das organizações não governamentais em escala mundial também é produto da transformação do planeta numa aldeia global. A queda das barreiras ideológicas e do protecionismo econômico e a explosão dos meios de comunicação via satélite fizeram surgir um mundo sem fronteiras, cujo resultado mais visível é uma opinião pública de caráter internacional que se interessa por temas como ecologia, defesa do consumidor e direito das minorias. Hoje, os negros brasileiros mantêm intercâmbio com o movimento negro americano e são diretamente influenciados por ele, enquanto ONGs dedicadas às tarefas mais variadas recebem ajuda financeira de suas equivalentes no Primeiro Mundo.

Uma prova de que o mundo das ONGs não tem fronteiras é a inglesa Cindy Morelli, programadora de computadores em Londres. No final do ano passado, ela decidiu fazer as malas e embarcar para o Brasil ao ler um anúncio numa revista especializada em meio ambiente. Era um apelo do Projeto Tamar, da Bahia, pedindo voluntários para cuidar de tartarugas na

Quem são eles

O que fizeram no passado, do que vivem e no que acreditam os 80 000 brasileiros que trabalham em ONGs

- 87%** têm curso universitário
- 78%** vivem do trabalho na ONG
- 75%** votaram em Lula para presidente no primeiro turno em 1989
- 56%** trabalham em mais de uma ONG
- 53%** não têm qualquer religião
- 25%** são padres ou religiosos
- 21%** estudaram filosofia
- 17%** foram presos pelo regime militar
- 14%** se diziam "marxistas-revisionistas" nos anos 70

Praia do Forte, alguns quilômetros ao norte de Salvador. "Sempre que ouvia falar sobre alguma espécie de animal ameaçada de extinção, ficava com uma dor no coração e sentia vontade de ajudar", explicou a inglesa ao desembarcar em Salvador, na véspera do Natal. "Desta vez, criei coragem e resolvi agir."

Foram duas semanas de trabalho duro. Durante o dia, ela e mais cinco estrangeiros cuidavam das centenas de filhotes que iam nascendo e marcavam as fêmeas com etiquetas metálicas. À noite, voltavam à praia para vigiar os locais de desova das tartarugas e proteger os ovos do ataque de animais. Cada um desses voluntários, recrutados em diferentes países, pagou 1 595 dólares por uma temporada entre as tartarugas. Criada há treze anos pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente, Ibama, a Fundação Pró-Tamar ganhou autonomia ao se tornar uma ONG e hoje administra um orçamento de 400 000 dólares anuais. É considerada o maior projeto de preservação de tartarugas marinhas no mundo e já salvou mais de 1 milhão de filhotes numa faixa de 1 000 quilômetros da costa brasileira.

RICHARD GERE — Outro sinal da internacionalização da militância está nas redes multinacionais de ONGs. A entidade inglesa Amigos da Terra, com escritórios em 47 países, tornou-se uma autêntica ONU do meio ambiente. O Greenpeace, criado na década de 70 no Canadá, tem 5 milhões de filiados em 29 países. Os tentáculos dessas redes têm impacto constante sobre a opinião pública mundial. Um bom exemplo é o corte de árvores de mogno no Brasil. Durante anos, os ecologistas brasileiros protestaram contra a exportação desse tipo de madeira, responsável pela devastação da floresta tropical. Ninguém jamais deu bola

Um mutirão planetário

Como funcionam e para que servem as ONGs

Definir ONG é tão complicado quanto definir jazz — algo que, segundo o trompetista Louis Armstrong, "se você não sabe o que é, não adianta explicar". Se o nome diz que são organizações não governamentais, entrariam nessa classificação, por exemplo, a Volkswagen ou a Coca-Cola? Não. As ONGs não têm fins lucrativos, o que exclui as empresas privadas. Na lista também não entram entidades trabalhistas, como a Central Única dos Trabalhadores, corporativas, como a Ordem dos Advogados do Brasil, ou religiosas, como a Igreja Católica. Nem os partidos políticos, já que uma ONG não existe para lutar pelo poder.

A expressão "ONG" foi criada pela Organização das Nações Unidas, ONU, na década de 40 para designar entidades não oficiais que recebem ajuda financeira para executar projetos de interesse de grupos ou comunidades. Hoje, ela diz respeito a coisas tão diferentes quanto a Associação Internacional de União de Consumidores, Iocu, a Anistia Internacional ou a Amigos da Terra, uma das maiores organizações ecológicas do mundo, com filiais em 47 países.

LEGIONÁRIO DA INFÂNCIA — No Brasil, um dos casos de maior sucesso é o do Projeto Axé, de Salvador. Com orçamento anual de 800 000 dólares, essa ONG ampara 2 747 crianças de rua da capital baiana e é apontada pela Unicef, órgão da ONU para a infância e a adolescência, como um exemplo para o

Terceiro Mundo. Seu criador, o advogado e pedagogo italiano Cesare de la Rocca, de 56 anos, é um legionário das causas humanitárias. Ele nasceu em Florença e vive no Brasil há 26 anos. Já trabalhou com crianças em Milão, no Amazonas e no Rio de Janeiro. Solteiro, namora uma funcionária da Unicef que mora em Nova York e cuida de crianças mutiladas pela guerra entre sérvios e croatas. Os dois conseguem se ver no máximo duas vezes por ano. "É uma vida dura, mas eu gosto do que faço", diz La Rocca. O Projeto Axé, criado em 1989, é produto de um convênio entre a ONG brasileira Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua e a Associação Italiana de Cooperação Internacional Terra Nova, com a qual La Rocca tem ligações desde a época em que morava na Itália. Entre seus grandes contribuintes estão a ONU, a Organização Internacional do Trabalho, OIT, e a Comunidade Econômica Europeia. "Temos facilidade em obter dinheiro no exterior por que nosso desempenho é exemplar", orgulha-se La Rocca.

TURISMO PARA GAYS — É muito simples abrir uma ONG. Basta reunir um determinado número de associados, fazer a ata da primeira reunião e registrá-la em cartório. Além das entidades ambientalistas, existem as chamadas ONGs de desenvolvimento, categoria em que se enquadram o Projeto Axé de La Rocca e milhares de associações de moradores, creches e escolas comunitárias, organizações de defesa do consumidor, da mulher e das minorias. A Fundação Nativo da Natividade, de São Paulo, dá cursos de formação política a trabalhadores. O grupo Calabar, de Salvador, luta pelos direitos de uma comunidade descendente dos quilombos. Há também o Grupo Gay da Bahia, que recebe dinheiro do Canadá para publicar guias turísticos para o público homossexual. As ONGs são como vasos capilares. No tecido social, não há lugar onde elas não apareçam.

La Rocca, com os meninos do Projeto Axé; exemplo para o Terceiro Mundo



O conto das árvores adotadas

ONG vende floresta do Pará na Europa

A tradição da malandragem carioca cataloga como um dos golpes mais antigos vender o Pão de Açúcar aos mineiros. Mais tarde, passaram a vender a Ponte Rio—Niterói. Hoje, o negócio é vender árvores da Amazônia para estrangeiros. Quem conhece a região sabe que é mais seguro comprar um terreno na Lua. Há diversas ONGs envolvidas nessa peculiar aventura imobiliária. Uma delas é o Club Ecologique International de L'Amazonie, Ceia, de Bruxelas, ONG fundada pela italiana Livia Gasbarra. Ex-dona de restaurantes em São Paulo, Gasbarra vende árvores no Vale do Rio Capim, no Pará, por 50 dólares cada uma. O comprador recebe um certificado e todo ano tem de pagar mais 50 dólares de anuidade pela manutenção da plantinha. O problema é que a tal Ceia vende o que não possui. No local indicado pelo mapa enviado aos possíveis compradores não existe floresta alguma em nome da entidade. "Ainda vamos plantar as árvores", garante a italiana. "Por isso estamos arrecadando recursos." Gasbarra jura ter vendido 240 árvores de outubro até agora, vinte das quais para membros do Parlamento europeu. Se conseguir vender 10 000, como pretende, vai faturar mais de meio milhão de dólares.

ALPINISMO EM COQUEIRO — "Eu jamais daria dinheiro a uma entidade dessas", diz Roberto Esmeraldi, presidente brasileiro da ONG Amigos da Terra. Casos como esse ocorrem pela falta de controle sobre a atividade das ONGs. Como entidades sem fins lucrativos, elas estão livres de pagar impostos e de qualquer fiscalização. Isso cria um problema. Tão fácil quanto receber doações é fazer macacutaias com o dinheiro. Na prática, ninguém sabe direito quanto entra e quanto sai dos cofres dessas entidades. "Aqui no Brasil, para montar um botequim o cidadão precisa de duas dúzias de documentos. Para montar uma ONG, não pre-

cisa de absolutamente nada, e ninguém vai fiscalizá-la", observa Denise Paiva, assessora do presidente Itamar Franco para a campanha contra a fome.

Além de vender árvores, Livia Gasbarra oferece pacotes de turismo ecológico para estrangeiros na sede de sua ONG no Pará. O visitante paga 140 dólares por semana e fica hospedado em choupanas num local em que o povoado mais próximo fica a 15 quilômetros de distância. Toda comida é enlatada. Entre os hóspedes deste verão estava o técnico em mecânica Benat Larronde, um francês de 26 anos, cujas atividades na ONG incluíram aulas de subir em coqueiro. Larronde adorou a experiência. "A Amazônia deveria virar um território internacional governado pela ONU", propôs antes de retornar para a França.

Há denúncias mais graves contra ONGs. Uma delas envolve a Fundação Sócio-Ecológica e Cultural Xapuri, do Rio de Janeiro, cujo presidente de honra é o príncipe dom Eudes de Orleans e Bragança. Desconhecida entre os ambientalistas, ela movimentou mais de 40 milhões de dólares desde sua criação, em 1991. Durante mais de um ano, foi a maior correntista do Banorte em saldo médio. Uma investigação do Banco Central constatou que a entidade, junto com alguns fundos de pensão de empresas estatais, participou de uma ciranda de negócios com títulos públicos e teve um lucro superior a 10 milhões de dólares. Ninguém sabe onde esse dinheiro foi parar.

para essas reclamações até que a organização Amigos da Terra fez uma manifestação em frente à Harrod's, famosa loja de departamentos de Londres onde se vendiam móveis fabricados com mogno extraído das florestas do sul do Pará. Os importadores ingleses suspenderam as compras de madeira do Brasil. Preocupada com sua imagem, a direção da Harrod's contratou o ator Richard Gere para promover uma campanha de doação de fundos para as florestas tropicais brasileiras durante sua liquidação anual, na véspera do Natal.

Richard Gere é o mais recente personagem de uma galeria de patronos famosos das ONGs brasileiras (veja quadro à pág. 72). Para um grande número de artistas, roqueiros, aristocratas e autoridades, não existe melhor recurso de marketing que associar sua própria imagem à defesa do mico-leão-dourado ou das crianças que passam fome nas ruas das grandes cidades brasileiras. Na semana passada, a modelo Bianca Jagger, ex-mulher do roqueiro Mick Jagger, estava visitando aldeias indígenas em Mato Grosso do Sul. Ela é fundadora da entidade Amanaka, que defende os direitos dos índios da América do Sul. Parte da renda dos shows de Paul McCartney em São Paulo, há dois meses, foi doada à filial brasileira do Greenpeace. Em novembro, dois meninos de rua de Salvador almoçaram com o primeiro-ministro britânico, John Major, em Londres. A viagem deles à Inglaterra foi patrocinada pela Coordenadoria Ecológica de Serviços, Cese, que reúne seis igrejas.

Isso explica outro fato a respeito das ONGs. Elas são um dos poucos dutos de dinheiro externo que se mantiveram desobstruídos no Brasil na recessão. Estima-se que 8 em cada 10 dólares que entram nos cofres dessas entidades são doações

Larronde: comida enlatada e aulas para aprender a escalar um coqueiro





Minc (com a motosserra), em uma manifestação da ONG Defensores da Terra: guerrilheiro verde

M. MAZZEI

estrangeiras. Num cálculo de cinco anos atrás, a ONU avaliou que as ONGs do Hemisfério Sul recebem, anualmente, 6,5 bilhões de dólares provenientes de organismos financeiros internacionais, incluindo os oficiais. Um terço dessa montanha de dinheiro são doações feitas por grandes ONGs sediadas nos países ricos para suas coligadas ou filiais do Hemisfério Sul.

"CORRUPTOS" — "Nos países ricos, muita gente prefere mandar dinheiro para essas entidades a entregá-lo a órgãos governamentais. Sabe-se que os recursos entregues aos governos podem ser desviados por corruptos ou desperdiçados por incompetentes", diz Eduardo Martins, ex-presidente do Ibama, atual presidente do WWF no Brasil. Há outro motivo para o sucesso financeiro dessas organizações. Quase sempre elas são mais ágeis e eficientes do que o governo na hora de fazer as coisas.

Um exemplo disso no Brasil é o Programa Nacional do Meio Ambiente, PNMA. Por ele, o governo deveria receber em 1990 empréstimos de 133 milhões de dólares do Banco Mundial e da Alemanha e daria uma contrapartida de 33 milhões de dólares, num total de 166 milhões. O dinheiro serviria para montar a estrutura do Ibama, criar reservas e melhorar as já existentes.

Mas havia uma condição: os recursos teriam de ser aplicados até julho de 1993. Não foram, por uma seqüência de trapalhadas administrativas e confusões nas mudanças de governo. No final, em vez de receber a verba, o país teve de pagar uma multa de 800 (XX) dólares por quebra de contrato. Se o dinheiro tivesse sido usado com eficiência, o Brasil poderia ter hoje 32 novos parques nacionais demarcados e com toda a infra-estrutura necessária.

Cansados de perder dinheiro nos repasses de verbas que lhes eram destinados pelo governo, os dois mais importantes centros de pesquisas da Amazônia, o Inpa, de Manaus, e o Museu Goeldi, de Belém, que são instituições oficiais, decidiram criar fundações para buscar recursos no exterior. Na prática, as fundações são ONGs, não sujeitas ao controle da burocracia da União. É constrangedor para o governo brasileiro ter duas instituições oficiais obrigadas a improvisar um braço não governamental dentro de sua própria estrutura para melhor gerir seus recursos. "Antes, as verbas que chegavam para nós ficavam presas no Ministério da Fazenda", queixa-se José Guilherme Maia, diretor do Museu Goeldi. "Com a ONG, o dinheiro será depositado diretamente na nossa conta, sem passar pelo governo."

O tamanho e a estrutura montada por algumas dessas organizações no Brasil são uma surpresa. A Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza, FBCN — a mais antiga ONG ambientalista do Brasil, fundada em 1958 —, tem 100 funcionários e orçamento anual de 6 milhões de dólares. A Fundação Pró-Natureza, Funatura, com sede em Brasília, movimenta por ano 4 milhões de dólares. O gigantismo leva, às vezes, as ONGs a se meter em situações embaraçosas. Em 1991, descobriu-se que David McTaggart, presidente do Greenpeace, a mais barulhenta entidade ecológica do planeta, havia aplicado um golpe de 3 milhões de dólares na própria sogra. Ficou comprovado também que ele forjou cenas de crueldade com cangurus em um documentário filmado na Austrália para chamar a atenção dos militantes verdes. McTaggart acabou demitido. No Brasil também existem denúncias de envolvimento de ONGs em negócios obscuros (veja quadro à pág. 76). Mas esses casos são exceções num mundo em que predominam histórias de solidariedade. É justamente por isso, pela seriedade que as ONGs transmitem, que elas conquistam cada dia mais adeptos. Infelizmente não se pode dizer que as entidades oficiais, como o Congresso, contem com a mesma confiança. ■